

comarca de Guaranhuns febres malignas por alguns consideradas, como febre amarella; e finalmente que no termo do Bom Conselho reinou esta febre com mais ou menos vigor em 1870, fazendo algumas victimas. (4)

D'esta noticia conclue-se que a doenca foi muito mais benigna n'esta provincia, que na anterior.

Que desde o anno de sua primeira apparição, no qual tantas calamidades arrastou á população da provincia, principalmente á da capital, nunca mais até 1861, ella deixou de grassar com character esporadico na capital e no porto, com mais ou menos vigor, chegando mesmo em 1852 e 1853 a tomar proporções um pouco exageradas:

Que d'ahi em diante declinou sempre, desapparecendo de 1865 até 1868 completamente:

Que em 1869 appareceram alguns casos em marinheiros procedentes do Rio de Janeiro, mas que a molestia não se diffundiu: que o mesmo não succedeu em fins de 1870 e começo de 1871, em os quaes se desenvolveu uma epidemia um tanto extensa no porto, apparecendo tambem alguns casos em outras localidades.

(Continúa)

HYGIENE HOSPITALAR

SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA

Sessão de 11 de Maio de 1872

Discurso lido pelo Sr. Silva Amado

(Continuação do n. 114)

Na Turquia tambem pegou a moda dos hospitaes monumentos, e Howard refere que o luxo desenvolvido na construcção dos hospitaes era comparavel com os das mesquitas e dos serralhos; entretanto dentro d'esses edificios sumptuosos os doentes nem se quer tinham camas, deitavam-se no chão sobre palha.

O que era o hospital de S. José á trinta annos disse-nos eloquentemente o Sr. Theotónio da Silva, e o que elle é ainda hoje sabemos-lo todos os que o temos frequentado.

Se o desprezo pelas condições hygienicas dos hospitaes era geral até aos nossos dias, não foi porque uma ou outra vez uma voz intelligente e verdadeiramente compassiva não tivesse bradado em favor dos infelizes, que se recolhiam n'esses maus hospitaes, mas essas vozes não achavam echo nos governos que presidiam

(4) Relatorios das commissões de hygiene publica e inspecção de saude da provincia, de 1852—1871.

á administração d'esses estabelecimentos de caridade.

Já em 1250 os irmãos da ordem dos agostinhos, que cuidavam do hospital de Santa Catharina de Ratisbõna, declararam que este hospital estava acumulado e que os doentes succumbiam prematuramente, o que era devido á respiração do ar corrompido. Eis a passagem alludida que se póde ler nos *Archivos* de Virchow:

Quod domus hospitalis nimis stricta, pauperibus non solum (non) suffecisset, sed eos interfecisset et multos fecisset præmori ante vitæ suce terminum, ex structura loci, aere corrupto, flatu et contagio infirmorum nimis compresse jacentium suffocante.»

Infelizmente estas judiciosas reflexões dos freires agostinhos, que se podiam applicar a todos ou quasi todos os outros hospitaes, passaram inteiramente desapercibidas.

Emquanto nos paizes catholicos a administração era commettida ao governo central, ou pelo menos tinha ingerencia mais ou menos activa nos hospitaes das principaes povoações, n'alguns paizes em que a reforma religiosa modificou as exterioridades do culto, os hospitaes foram mantidos pela caridade individual: foi o que aconteceu na Inglaterra, na Hollanda, no Brabante e em Flandres. Os hospitaes eram mais pequenos que nos paizes catholicos, de architectura menos enfeitada, sem perder completamente o character de monumentos, a fiscalisação era perfeita dentro d'esses estabelecimentos, havia mais acção, a fórma geral d'esses edificios era de um quadrilatero com um pateo central, como em geral os palacios bem construidos d'essas epochas.

Tal era o estado dos hospitaes na Europa, quando em 1772 um incendio destruiu parte do Hotel-Dieu de Paris, perecendo grande numero de doentes; então a attenção dos medicos, do publico e dos poderes do estado dirigiu-se para a hygiene hospitalar.

Em 1774, Antonio Petit formulou um projecto de construcção de hospital, na sua opinião, conforme os rigorosos dictames da hygiene.

Pela primeira vez se recommendou por motivos de salubridade o systema dos pavilhões na construcção dos hospitaes. Eram seis os pavilhões e estavam dispostos em fórma de estrella; cada pavilhão tinha uma sala unica contendo 300 a 400 doentes em series de 40 a 50 camas de cada lado, e dispostas estas series em andares como os camarotes de um

theatro. Cada enfermo estava separado dos seus vizinhos por tabiques exactamente como nos camarotes, e cada um d'estes quartos tinha uma janella. Vê-se pois que apesar do pretendido isolamento, os doentes deviam respirar o ar contido na sala, viciado pela respiração e exalações de 400 pessoas atacadas de enfermidades mais ou menos graves e infecciosas.

A idéa que presidiu ao systema dos pavilhões foi tirada da observação do modelo dos antigos edificios em fórma de cruz, de que havia representantes, em França, no Hôtel-Dieu de Lyon e no Hotel real dos invalidos, bem como em Portugal, Hespanha e Italia.

Entretanto, attendendo á idéa que presidiu aos hospitaes em cruz, e á que levou A. Petit a aconselhar os pavilhões aggregados em estrellas, não se pôde negar a este medico a honra que lhe cabe de ter iniciado uma tão útil reforma nas construcções hospitalares.

Uma coisa affirmava Petit que infelizmente foi desprezada por muitos dos que se lhe seguiram, e era que os hospitaes deviam ser construidos fóra dos muros das grandes povoações.

No projecto do architecto Poyet havia 16 pavilhões tambem aggregados em estrellas, cada um d'esses pavilhões continha tres salas sobrepostas, cada uma com 84 camas, alem de mais algumas salas mais pequenas; ao todo o hospital era destinado para ter mais de 5:000 camas.

Estes projectos foram rejeitados pela academia das sciencias de Paris, que approvou outro apresentado por uma commissão em que figurava principalmente Tenon.

N'estes projectos os pavilhões são parallelos e estão dispostos em dois lados de um espaço quadrilatero, e os intervallos entre os pavilhões podiam ser ou não arborizados, mas nunca arborizados.

Cada pavilhão devia ter tres pavimentos, cada um com uma sala de 34 a 36 camas, não devia haver cavas senão debaixo da parte do edificio destinada para cozinha e para pharmacia.

No lado anterior do pateo central deviam instalar se os serviços de administração, e no lado posterior devia erigir-se a capella.

O primeiro hospital construido conforme o systema de pavilhões foi o hospital geral de Vienna mandado edificar por Leopoldo I em 1780, formado por pavilhões parallelos, de dois pavimentos, estando esses pavilhões separados por pateos arborizados; este hospital continha ao todo 131 enfermarias, cada uma

com menos de 20 camas, e era destinado para receber 2,000 doentes, posto que na circumstancias normaes não continha mais de 1,800.

Bem depressa os hospitaes construidos conforme o modelo approvado pela academia das sciencias de Paris, se generalisaram na Europa. O hospital Lariboisière, o novo Hôtel-Dieu de Paris, o hospital civil de Bordéus, o hospital da Princeza em Madrid, o hospital Rodolfo em Vienna, o novo hospital de S. Thomás em Londres, o hospital Estephania em Lisboa, são exemplos da applicação d'este modelo com todas as suas vantagens e defeitos.

No plano dos hospitaes-pavilhões não se tinha perdido a idéa de os tornar sumptuosos, a academia de sciencias de Paris queria que ao menos um dos pavilhões fosse ornado com gosto, para que o edificio não deixasse de ter o caracter de monumento.

Pelo custo porque vem sahir cada cama em al uns d'estes hospitaes se pôde avaliar a sumptuosidade como se fazem estes edificios.

No hospital Lariboisière, edificado em perfeita conformidade com as regras estabelecidas pela academia, o custo por cama elevou-se a 3:000\$000 réis.

O Novo Hôtel-Dieu, construido sob o mesmo plano que o precedente, estava primitivamente destinado para conter 800 enfermos e n'esta supposição, o custo por cama chega a 9:000\$000 réis, mas como hoje se diz que será occupado por 600 doentes ou ainda menos, segue se que o custo ha de elevar-se a 12:000\$000 réis ou ainda mais.

O antigo hospital de S. Thomás em Londres tinha 520 camas: suppouo que o novo hospital do mesmo nome, edificado com o fim de substituir o antigo, que foi expropriado por uma companhia de caminhos de ferro, tenha o mesmo numero de camas, como a despeza calculada para a construcção foi de meio milhão de libras, sem incluir a mobilia, segue se que o custo por cama excede a 4:000\$000 réis.

O plano do hospital Estephania é inteiramente conforme com o de Lariboisière com a differença de ter de cada lado um só pavilhão. É um quadrilatero, com o lado anterior destinado para os serviços de administração, o lado posterior para a capella e sobre cada um dos lados vem inserir-se perpendicularmente um pavilhão, cada um com 2 enfermarias 32 camas; portanto o hospital é para 128 doentes.

O Sr. conselheiro Bernardino A. Gomes já nos disse que seria muito facil ampliar este edificio, que ainda está em construcção, apro-

veitando o para muitos mais doentes. Estou persuadido que S. Ex. não quereria essa ampliação á custa dos pavilhões existentes, nem augmentando a grandeza das salas destinadas para 32 camas, nem sobrepondo novos andares: portanto essa amplificação seria realisada construindo novos pavilhões ao lado dos existentes, então teriamos reproduzido em Lisboa o hospital Lariboisière de Paris. O custo do hospital Estephania, suppondo-o construido conforme o plano adoptado, deve exceder a 300:000\$000, e note se que não incluo o preço da mobilia, nem o valor do terreno.

Uma das circumstancias que mais influencia para o preço fabuloso do Hôtel-Dieu de Paris, foi o custo do terreno, porque houve necessidade de expropriar muitas construcções. Considerou-se o hospital como um monumento necessario para o embelezamento da cidade e quiz-se que fosse construido ao lado da igreja de Notre Dame, e por isso arrasou-se tudo que impedia a realisação do projecto.

No novo hospital de S. Thomás, o preço do terreno igualou, se não excedeu, ao de toda a edificação.

No hospital Estephania, construido em terreno que lhe foi cedido gratuitamente, o custo por cama deve exceder muito a 2.000\$000.

Se com as quantias, com que se construiram os edificios destinados a abrigar as camas nos referidos hospitaes, se comprassem fundos publicos portuguezes, teriamos uma renda perpetua que dava para cada cama, por dia:

1.º Para o hospital Estephania mais de 400 réis.

2.º Para o hospital Lariboisière mais de 500 réis.

3.º Para o novo hospital de S. Thomás mais de 800 réis.

4.º Para o novo Hôtel-Dieu de Paris, mais de 2\$400 réis

A esta despeza temos a sommar a da conservação dos edificios, da mobilia e a da alimentação e tratamento dos enfermos.

No hospital de S. José e annexos, onde se tratam cerca de 1:800 enfermos, estas despezas andam por 330 réis por cada doente, cada dia. O hospital Estephania está demasiadamente afastado do hospital de S. José para poder ser incluído nos annexos d'este ultimo, e como esse hospital tem apenas 128 camas, segue-se que a despeza ha de ser maior do que no hospital de S. José, e não poderá ser inferior a 400 réis por dia e por cama.

Segue-se que cada enfermo do hospital Es-

tephania deve custar mais de 800 réis diários.

N'estas condições voto contra os hospitaes; se não podemos ter senão hospitaes monumentos, em que só o aluguer da cama pôde custar mais de 3\$400 réis por dia, então sou da opinião de Montesquieu e dos auctores da Encyclopedia franceza, não quero hospitaes.

Dê se então o maximo desenvolvimento aos soccorros domiciliarios, que sempre ha de haver, quem a troco de 2\$400 réis por dia, dê agasalho a um desgraçado que no estado normal nem talvez tenha uma choupana para se abrigar.

Acabemos por uma vez de especular com os pobres, erigindo á sombra d'elles monumentos para os poderosos da terra descansarem agradavelmente o seu olhar desdenhoso.

Se ha meio de construir hospitaes baratos, modestos e em boas condições hygienicas, construam-se, se não acabemos de todo com esses edificios erigidos em nome da falsa caridade.

(Continúa.)

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

NOTICIA DAS OBRAS DE MEDICINA E CIRURGIA RECENTEMENTE PUBLICADAS.

Bernier de Bourbonville (Dr.), Appendice au Traitement des Maladies des Femmes: des Bandages et des Ceintures Hypogastriques. In-8, avec 25 figures dans le texte. Paris: A. Delahaye. 2 fr.

Champagnat (Dr.), Traitement des Maladies des Voies Urinaires par les Eaux de Vichy; Régime à suivre dans ces Maladies. 1 vol. in-18. Paris: A. Delahaye. 2 fr.

Charcot (Dr.), Leçons sur les Maladies du Système Nerveux. Recueillies et publiées par le docteur Bourneville. 2º fascicule, avec 6 figures dans le texte et 4 planches coloriées. Paris: A. Delahaye. 3 fr.

Bottentuit (Dr.), Des Diarrhées Chroniques et de leur Traitement par les Eaux de Plombières. in-8. Paris: A. Delahaye. 2 fr.

De Belina (Dr.), De la Transfusion du Sang défibriné, nouveau Procédé Pratique. 2º édit. in-8. Paris: A. Delahaye. 2 fr.

Potheau (Dr.), Etude sur la Valeur Séméiologique de la Ménorrhagie, ou Exagération du Flux Menstruel. in-8. Paris: A. Delahaye. 2 fr.

Armand (Dr.), Du Traitement de la Coqueluche par l'Hydrate de Chloral et par le Broumure de Potassium. In-8. Paris: A. Delahaye. 1 fr. 50 c.

Stanski (Dr.), Nouvelles Études sur la Spontanéité de la Matière. In-8 de 64 pp. Paris: J. B. Bailliére et fils. 2 fr.

Vulliet (Dr.), D'un Nouveau Moyen de Contention de la Matrice dans les Cas de Prolapsus Utérin complet. In-8. Paris: A. Delahaye. 1 fr. 50 c.